

A POSSIBILIDADE DA TERCEIRA ONDA DA PANDEMIA NO BRASIL

Haverá uma terceira onda da pandemia no Brasil? Quais as consequências? O sistema de saúde corre o risco de um novo colapso? O processo de vacinação em curso não deveria impedir um novo pico de casos e mortes?

Em breve o Brasil deve chegar a 500 mil mortes por Covid-19 e, independente do que se entende por terceira onda (muitos especialistas avaliam que sequer saímos da primeira), a situação continua crítica e com perspectivas ainda preocupantes.

Relaxamento das medidas de distanciamento social, chegada do inverno mais rigoroso em várias regiões do País, falsa ideia de proteção imediata da população com o início da vacinação e falta de coordenação entre os governos - além de informações trocadas sobre a necessidade de uso de máscaras - são os principais fatores apontados para um provável aumento de casos e mortes por Covid nas próximas semanas.

A terceira onda da pandemia no Brasil é o tema desta edição, que aprofunda esta discussão em entrevista com o coordenador do Observatório da Covid-19 da Fiocruz e pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública Carlos Machado de Freitas. Você encontra ainda os dados sobre casos, óbitos, vacinação e testagem na Maré e em Manguinhos a partir de informações oficiais e do projeto Conexão Saúde - De olho na Covid, além do panorama geral da pandemia no Rio de Janeiro e Capital.

Boa leitura!

ÍNDICE

O que são as ondas na pandemia e qual é a situação atual do Brasil?

Cenário atual de distribuição das vacinas contra Covid-19 no município do Rio de Janeiro

Panorama geral da pandemia: Maré e Manguinhos

Testagem - Dados do Bem

Telemedicina SAS Brasil

Entrevista com o pesquisador Carlos Machado de Freitas

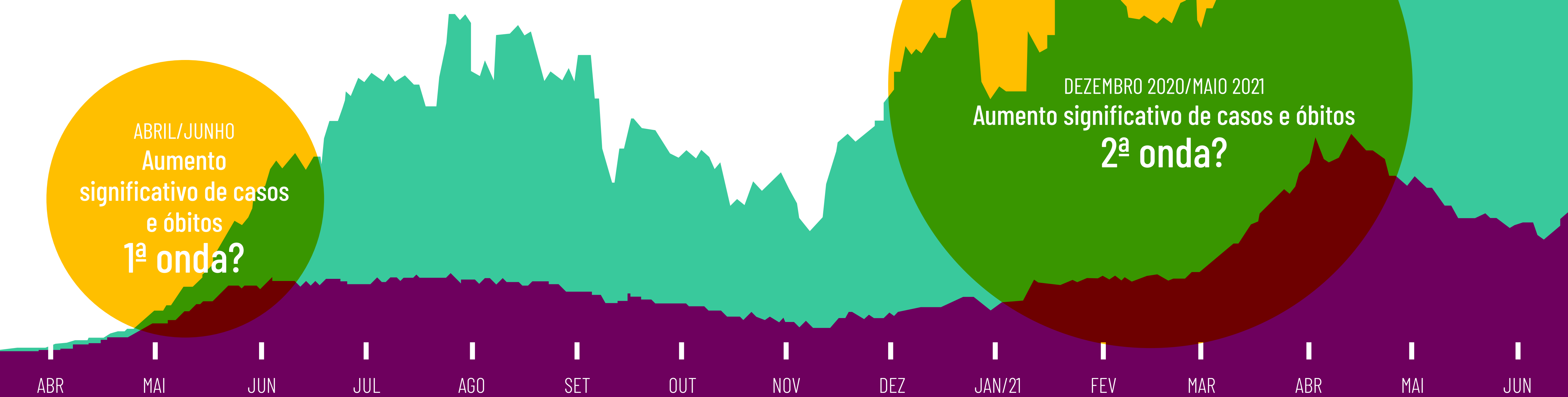
O QUE SÃO AS ONDAS NA PANDEMIA E QUAL É A SITUAÇÃO ATUAL DO BRASIL?

A caracterização de uma onda acontece quando uma região ou localidade apresenta aumento acelerado e progressivo de casos até que atinja um pico, permaneça em estabilização por um tempo e então comece a descer, indicando o fim da onda. Ao observar os dados de contaminação no Brasil, é possível identificar que houve um aumento significativo de casos e óbitos entre abril e maio de 2020 e uma tendência de queda ao longo do mês de junho do mesmo ano. Esse movimento para alguns pesquisadores foi caracterizado como a primeira onda.

ABRIL/JUNHO
Aumento significativo de casos e óbitos
1ª onda?

DEZEMBRO 2020/MAIO 2021
Aumento significativo de casos e óbitos
2ª onda?

CASOS
ÓBITOS



JUNHO 2021
Número de
hospitalizações e óbitos
em patamares altos

Em dezembro de 2020, os casos e óbitos voltaram a subir em uma proporção muito maior que a do início da pandemia. O aumento progressivo se estendeu pelos meses seguintes e teve o pico de contaminação e mortes no mês de março de 2021. Em maio os números de casos e óbitos apresentaram novamente uma tendência de queda, o que representaria o encerramento da segunda onda.

A previsão dos pesquisadores é que uma possível terceira onda pode chegar ao Brasil nas próximas semanas, ainda no mês de junho. O Boletim InfoGripe da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), publicado em maio, sinaliza que o cenário atual está associado à retomada das atividades presenciais de maneira precoce, o que manterá o número de hospitalizações e óbitos em patamares altos, com tendência de agravamento.

Outra evidência da aproximação da terceira onda se reflete na sobrecarga do sistema de saúde, que volta a apresentar altas taxas de ocupação de leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI). No estado do Rio de Janeiro, a taxa de ocupação total de leitos de UTI estava em torno de 71,3% no dia 15 de junho.

Boletim da Fiocruz mostra que, mesmo nos estados nos quais houve estabilização, ela se deu em patamares muito elevados, similares aos dos picos da pandemia em 2020.

Em diferentes regiões do Brasil é possível identificar padrões de crescimento e queda, porém, essas quedas nunca foram suficientes para atingir níveis seguros, como aconteceu em outros países. O boletim da Fiocruz mostra que, mesmo nos estados nos quais houve estabilização, ela se deu em patamares muito elevados, similares aos dos picos da pandemia em 2020.

Os principais pesquisadores da área da saúde não têm consenso em relação ao conceito de ondas na pandemia. Esse termo passou a ser utilizado para explicar o comportamento do vírus da Covid-19 em regiões específicas. Para alguns estudiosos o crescimento do número de casos e óbitos já configura uma nova fase da pandemia, para outros, uma onda só pode ser considerada encerrada com uma baixa significativa dos números, o que não aconteceu no Brasil até o presente momento. Por isso, alguns pesquisadores defendem que o país nunca saiu da primeira onda.

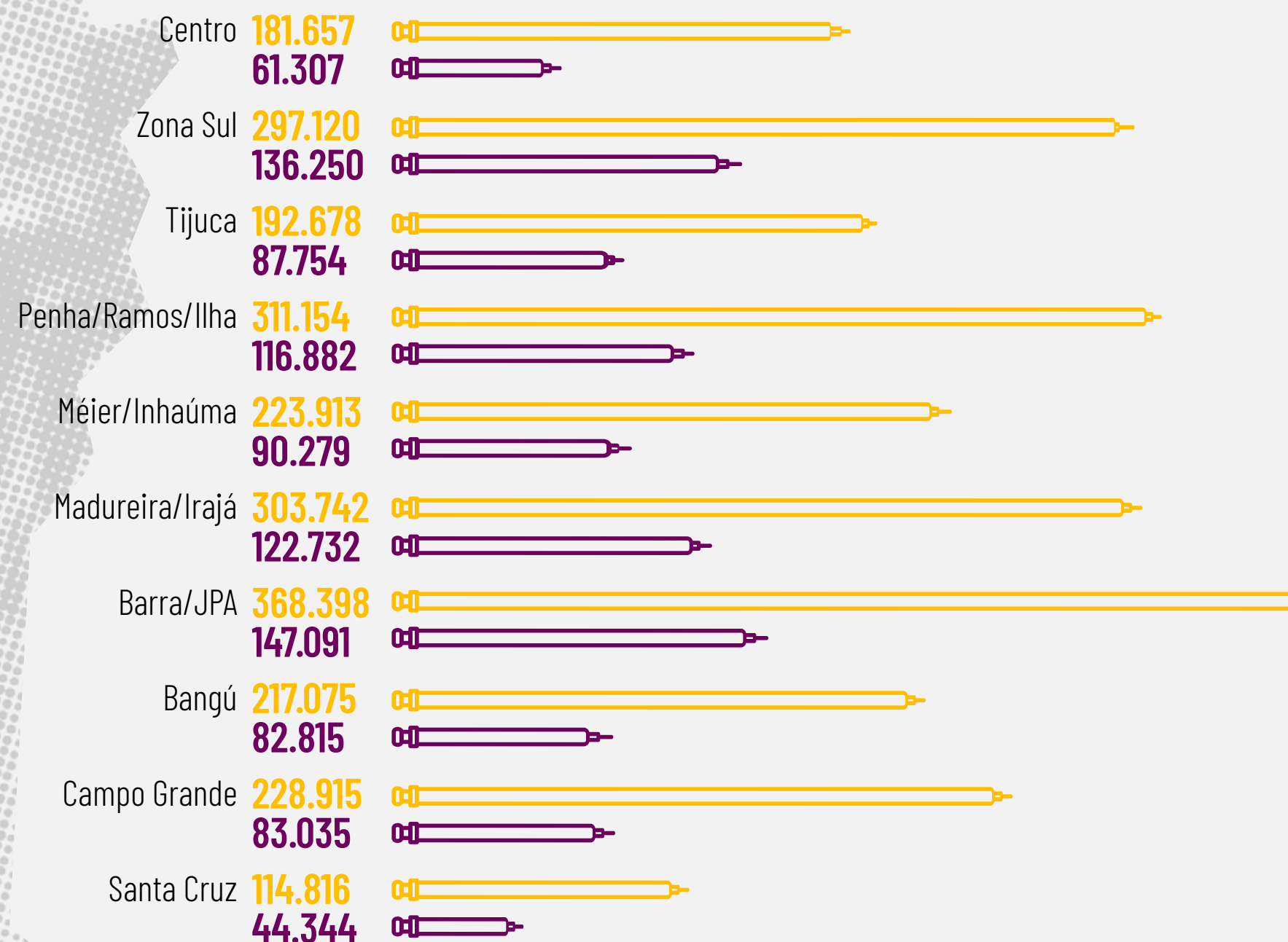
Ainda que o conceito de ondas não seja homogêneo, há consenso entre os pesquisadores, que alguns fatores são decisivos para o aumento de casos e mortes pela Covid-19, como o surgimento de novas variantes, o ritmo lento de vacinação e a flexibilização das medidas de restrição.



VACINAÇÃO NO BRASIL, RIO DE JANEIRO E MARÉ

Embora a população brasileira ainda venha enfrentando dificuldades no processo de imunização, a perspectiva de chegada de novos lotes de vacina ao longo do segundo semestre pode atenuar esse problema. Com a divulgação do planejamento de distribuição do Ministério da Saúde, diversos governadores e prefeitos já atualizaram seus calendários informando a vacinação de toda população adulta com as duas doses até o final do ano. Pode-se citar como exemplo o estado de São Paulo e a cidade do Rio de Janeiro que já divulgaram suas projeções, garantindo a vacinação, com pelo menos a primeira dose, para os maiores de 18 em outubro e setembro, respectivamente.

VACINAÇÃO POR ÁREA DE PLANEJAMENTO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO



Primeira dose
Segunda Dose

A área 3.1, que abarca Maré e Manguinhos, até a mesma data passou a ocupar o quarto lugar em números de pessoas vacinadas por área de planejamento: 311.154 pessoas foram vacinadas com a primeira dose e 116.882 receberam a segunda dose.

VACINAÇÃO NA MARÉ

37.070
doses até 14/6

Primeira dose
19.173 pessoas

14% da população

Segunda dose
8.510 pessoas

7% da população

Fonte: CAP 3.1

Na capital foram aplicadas
2.524.616
primeiras doses da vacina,
representando

37,4%
da população carioca

972.489
pessoas receberam
a segunda dose

TOTALIZANDO
3.497.105

NO
BRASIL

Até 14/6

54.607.404

pessoas receberam até agora
a primeira dose da vacina

25,79%

da população brasileira.

Já em relação à segunda dose,

23.659.355

pessoas foram vacinadas

12% da população brasileira.



Wikimedia Commons

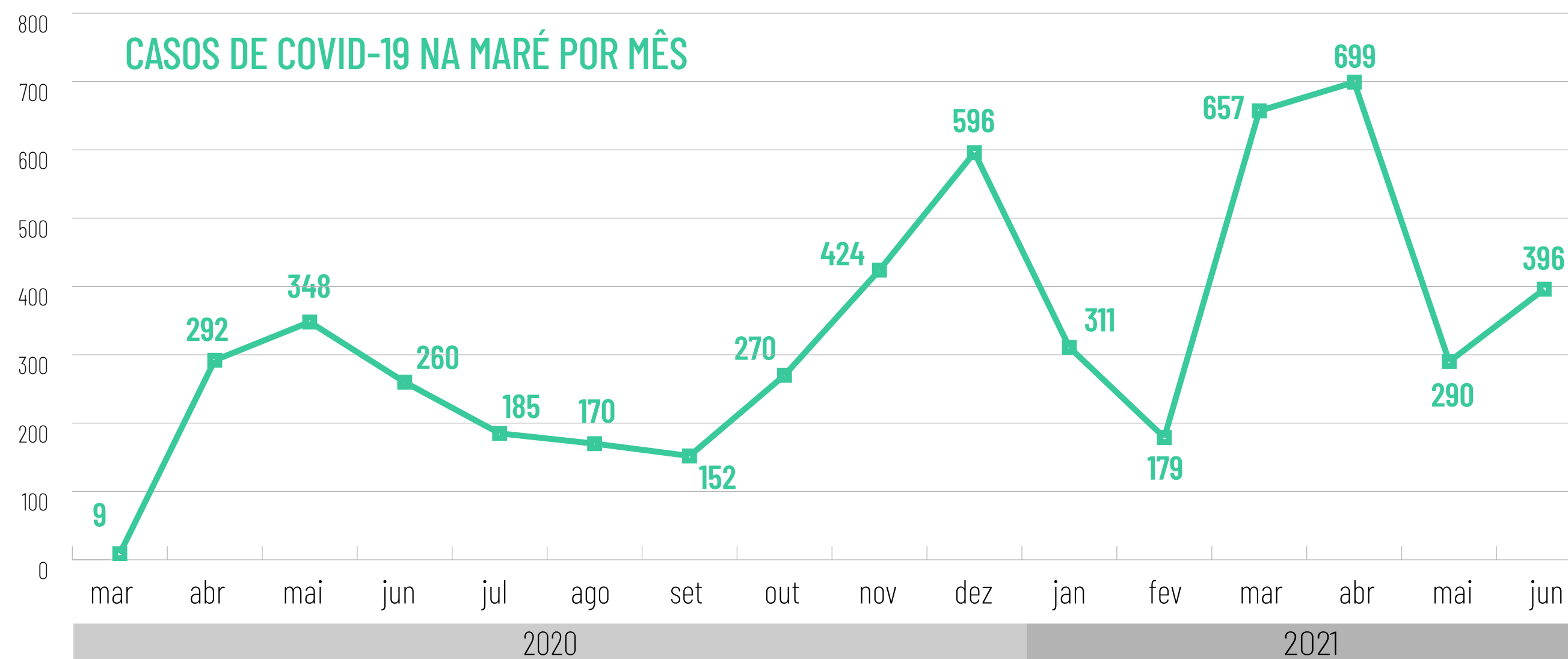
Fonte: Painel Rio Covid-19 e Consórcio de Veículos de Imprensa

PANORAMA GERAL DA PANDEMIA: MARÉ E MANGUINHOS

Mesmo após cinco meses do início da vacinação, o Brasil continua em uma crescente de casos e óbitos por Covid-19, sendo o terceiro país do mundo com maior número de casos e segundo com maior número de óbitos. Até 14/06/2021, o país notificou 17.413.996 casos e 487.476 óbitos. Dados da Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro apontam para uma estabilidade no número de casos em relação ao mês anterior, mantendo-se a bandeira laranja (risco moderado). Na Capital, segundo o Painel Rio Covid-19 foram notificados 345.256 casos e 27.428 óbitos até 14/06/2021. Nos últimos 14 dias, foram reportados no município 13.197 novos casos e 339 óbitos.

A Maré soma 5.390 casos e 283 óbitos, apresentando um aumento de 94% dos casos (de 204 para 396), em relação aos 14 dias anteriores e 2 novos óbitos frente a nenhum reportado nos 14 dias anteriores. Já em Manguinhos os dados oficiais demonstram um aumento de 110% dos casos (de 50 para 105), em relação aos 14 dias anteriores e não ocorreram óbitos nas últimas duas semanas. Com isso, é possível identificar uma tendência de crescimento substancial do número de casos, já que as duas

primeiras semanas do mês de junho superam em número de casos todo o mês de maio. Ao mesmo tempo que faz-se necessário manter a vigilância em relação aos reportes de novos óbitos na região, uma vez que os números sugerem que, não diferente de todo o país, se continuarmos com as mesmas ações atuais não restritivas, a Maré e Manguinhos seguem caminhando para uma terceira onda, como demonstra o gráfico de casos por mês na Maré, representado abaixo.



CONEXÃO SAÚDE - DE OLHO NO CORONA

O projeto Conexão Saúde - de Olho na Covid tem nos Centros de Testagem a capacidade de produzir dados e contribuir para a vigilância em saúde no território da Maré e manguinhos. Desde agosto de 2020 foram coletadas 25.045 amostras para teste de moradores da Maré (PCR + Sorológico), sendo 3.897 testes com resultado positivo, representando 16%. A taxa de positividade dos testes PCR nas últimas duas semanas foi de 14%.

Já em Manguinhos o Centro de Testagem, inaugurado em dezembro, contou até 13/06 com 4.031 amostras de testes coletados (PCR + Sorológico), sendo 660 com resultado positivo - 16% do total, como mostra a tabela a seguir. A taxa de positividade dos testes PCR nas últimas duas semanas foi de 19%.



Douglas Lopes/Redes da Maré

TESTAGEM - MARÉ					
	Amostras para teste			Testes Positivos	
	NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS		NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS
PCR	20.986	1.484	PCR	2.846	205
SOROLÓGICO	4.059	108	SOROLÓGICO	1.305	49
TESTAGEM - MANGUINHOS					
	Amostras para teste			Testes Positivos	
	NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS		NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS
PCR	3.648	260	PCR	583	49
SOROLÓGICO	383	18	SOROLÓGICO	77	3

Os atendimentos de telessaúde realizados pelo SAS Brasil iniciaram em Manguinhos e na Maré em 03/07/20. Desta data até 14/06 foram atendidos 1.529 casos com suspeita ou confirmação de Covid-19 na Maré e 42 casos em Manguinhos. No Programa de Isolamento Domiciliar Seguro da Maré, que teve início em setembro de 2020, foram atendidos 918 moradores com confirmação ou suspeita de Covid-19. Nas últimas duas semanas a equipe social incluiu 78 casos para esse acompanhamento.

TELEMEDICINA SAS BRASIL

MARÉ

 ATENDIMENTOS MÉDICOS

4.201

 ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS

1.792

MANGUINHOS

 ATENDIMENTOS MÉDICOS

222

 ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS

47



“O horizonte continua nebuloso. A pandemia ainda pode se agravar no Brasil”

Baixa porcentagem da população vacinada, flexibilização das medidas de distanciamento social, desincentivo ao uso de máscaras, falta de coordenação nacional no enfrentamento da pandemia, chegada do inverno, período de férias, surgimento de novas variantes...

São muitos os motivos elencados por Carlos Machado de Freitas, pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública e coordenador do Observatório da Covid, ligado à Fiocruz, para alertar sobre a gravidade do cenário da pandemia no Brasil nos próximos meses.

“Soma-se a isso o desinvestimento e a desestruturação da atenção primária à saúde no País, deixando muita gente, principalmente nos municípios menores e mais pobres, com pouco ou precário atendimento à saúde”, completa.

Os elementos da equação apontam para um horizonte nebuloso, onde vacinação em massa e cuidados não farmacológicos (como uso de máscara e higienização das mãos) aliados a políticas que viabilizem distanciamento físico e social em lugares públicos e privados serão absolutamente necessários nos próximos meses – independente do que se convencionou chamar de “terceira onda”.

“Estamos tendo que reafirmar o básico. O governo federal deveria fazer uma distribuição ampla de máscaras de boa qualidade para a população e não jogar contra uma ferramenta tão simples de prevenção”, observa.

“Distanciamento físico e social em lugares públicos e privados serão absolutamente necessários nos próximos meses – independente do que se convencionou chamar de “terceira onda”



Divulgação



Existe a possibilidade de uma terceira onda da pandemia no País? Que consequências ela teria?

Ainda não é possível falar de uma terceira onda no País porque não houve até agora uma queda sustentada do número de casos e óbitos no Brasil. Seria necessário configurar uma baixa para chegar a um novo pico e assim o surgimento de uma nova onda.

Em maio, quando a situação estava crítica, alertamos que a elevação do número de casos constituiria um agravamento da situação e isso foi interpretado como uma terceira onda. Mas o que aconteceu foi uma certa estabilização em um patamar altíssimo e agora uma elevação lenta e gradual do número de casos e óbitos no Brasil.

Já temos pelo menos 18 estados e 16 capitais na zona de alerta crítico em relação ao sistema de saúde, com uma taxa de ocupação de leitos alta, em 80% ou mais. Ou seja, temos um cenário de elevação do número de casos e de níveis de transmissão e um sistema de saúde sobrecarregado.

Um copo cheio, já quase na borda, precisa de pequenas gotas pra transbordar. É este cenário que estamos vivendo agora. Sem uma queda sustentada no número de casos e óbitos, o sistema de saúde que já está sobrecarregado, pode entrar em colapso novamente.

Pela média de mortes por dia, é provável que cheguemos à marca de 500 mil mortes por Covid – ou meio milhão de pessoas que perderam suas vidas para a doença – no Brasil. Como o senhor avalia este cenário?

Este ano, até agora, já tivemos um número de mortes maior do que no ano passado. Em 2021 chegamos às marcas de 200 mil, 300 mil e 400 mil óbitos. E já estamos à beira dos 500 mil. Tudo muito rápido, em um período muito curto de tempo.

Temos nitidamente uma aceleração do número de óbitos que tem a ver também com a saturação e o colapso do sistema de saúde. Vamos lembrar que poucos casos evoluem para situações críticas ou graves, mas mesmo sendo poucos, em uma grande quantidade de número de casos, o número absoluto é muito alto.

Você não tendo acesso ao sistema de saúde – e o último recurso são os leitos de UTI Covid – você vê pessoas com poucas chances de sobreviver. É um cenário de bastante preocupação que a gente vivencia atualmente: uma baixa porcentagem de pessoas vacinadas com as duas doses no Brasil e um afrouxamento perigoso das medidas não farmacológicas de prevenção – distanciamento social e uso de máscaras, principalmente.

Falando da vacinação, mesmo lento, o processo está em andamento. Ele não deveria contribuir para a diminuição dos casos e óbitos no Brasil?

A vacinação é fundamental, é da maior importância, mas ainda estamos com pouca gente vacinada no Brasil. Ela tem contribuído para reduzir as internações e óbitos de pessoas com mais idade. Mas como a pandemia não acabou, o que a gente tem assistido é internação e óbito de pessoas mais jovens, com 50 anos ou menos.



Uma das principais questões levantadas na CPI da Covid, em andamento no Senado Federal, é a falta de uma coordenação nacional para enfrentamento da pandemia ao lado de orientações desencontradas sobre prevenção da população. Até que ponto estes sinais trocados impactam no número de mortes por Covid no Brasil?

O que vemos é uma aposta na confusão sobre formas absolutamente básicas e necessárias de prevenção, como o uso de máscaras e o distanciamento físico e social, não só nas casas, mas em espaços públicos como transporte coletivo, locais de trabalho e escolas.

Nós tivemos, desde o início da pandemia, uma campanha sistemática partindo principalmente do governo federal – no caso o Presidente e alguns de seus aliados mais próximos, mas também de alguns governadores e prefeitos – contrária às medidas de distanciamento físico e social. Isso contribuiu para um ambiente dissonante, de incongruência entre as evidências científicas e as experiências de outros países, e propostas sem evidências científicas, que partiam de outros pressupostos, com um projeto político de desorganização do enfrentamento da pandemia. Esta campanha confrontou claramente a ciência e as medidas sanitárias e ajudou a criar inúmeras confusões e reduzir uma adesão maciça da população a elas.

“Nós tivemos, desde o início da pandemia, uma campanha sistemática partindo principalmente do governo federal – no caso o Presidente e alguns de seus aliados mais próximos, mas também de alguns governadores e prefeitos – contrária às medidas de distanciamento físico e social”

Também não conseguimos fazer uma coordenação regional, entre municípios e estados. Vamos dar o exemplo o município do Rio de Janeiro, que concentra a maior parte dos recursos e dos leitos hospitalares de UTI Covid. A Capital pode adotar medidas restritivas, de distanciamento social, estruturar seu sistema de saúde, fazer o monitoramento das pessoas com comorbidade... Mas se os municípios do entorno não fazem o mesmo e aumentam o número de casos graves, o sistema de saúde da Capital vai ficar sobrecarregado do mesmo jeito.

Então esta coordenação entre os poderes públicos é absolutamente fundamental, não só a nível regional, mas principalmente a nível federal. A pandemia não respeita fronteiras então alguns estados adotam medidas mais rigorosas e outros não, mas o vírus continua circulando. Vide o caso da variante P1 que surgiu em Manaus e se espalhou por todo o País. A ausência de uma coordenação nacional entre os estados é um entrave para o bom enfrentamento da pandemia no Brasil.





EXPEDIENTE

Conselho Editorial

Fernando Bozza - Dados do Bem
Pamela Lang - Fiocruz
Luna Arouca - Redes da Maré
Camila Barros - Redes da Maré
Sabine Zink - SAS Brasil
Ana Silva - Conexão Saúde Manguinhos
Eduardo Pádua - União Rio

Edição

Luciana Bento

Pesquisa e produção de conteúdo

Camila Barros e Amanda de Araujo Batista da Silva

Revisão

Camila Barros, Luna Arouca, Luciana Bento
e Amanda de Araujo Batista da Silva

Projeto gráfico e diagramação

Pictomonster

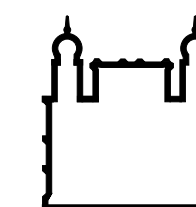
Conteúdos para redes sociais

Jessica Pires e Luciana Bento

Artes para redes sociais

Robert Silva

REALIZAÇÃO:



Ministério da Saúde

FIUCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



redesdamare.org.br/conexaosaude

